



DESLOCAMENTOS E EXÍLIOS MÚLTIPLOS EM HERTA MÜLLER: CONFLUÊNCIAS ENTRE VIDA E OBRA

Rosvitha Friesen Blume¹

Na contemporaneidade, determinada por migrações e diásporas, tornou-se importante não somente observar a diferença entre as diversas culturas, mas principalmente as diferenças dentro de uma própria cultura, onde o próprio e o estranho convivem cada vez mais, se intersectam e se condicionam mutuamente, gerando culturas e sujeitos multifacetados, dinâmicos e descentrados.

Exemplos do que seja o descentramento e a fragmentação do sujeito no mundo contemporâneo perpassam a obra de Herta Müller, vencedora do Nobel de Literatura 2009. Sua biografia é marcada por deslocamentos e exílios múltiplos, dos quais gostaria de tratar aqui, a fim de mostrar de que maneira eles se refletem em alguns textos ficcionais e ensaísticos da autora nascida na Romênia em 1953.

1. Deslocamento territorial

Conforme mencionei acima, Herta Müller vem da Romênia. Porém, a escritora nunca se sentiu completamente pertencente a esse país, já que nasceu e cresceu numa pequena localidade chamada Nitzkydorf, uma região de minoria alemã na Romênia, onde inclusive se falava somente o alemão. Aos 15 anos vai para a cidade de Temeswar por causa dos estudos, e somente então passa a conviver com os romenos, permanecendo ali por aproximadamente 20 anos. Em 1987 consegue autorização para sair de seu país e imigrar na Alemanha, passando a viver, desde então, no lado ocidental de Berlin. Esses três lugares marcam profundamente a vida de Herta Müller e constituem-se, cada um à sua maneira, em lugares de não-pertencimento para ela. Em cada um deles ela se vê, de alguma maneira, às margens.

Sua obra de estréia foi *Niederungen*², que conseguiu publicar somente em 1982, quatro anos após haver entregue o livro à editora e depois de muitos cortes realizados pela censura romena. O espaço ficcional dessa coletânea de miniaturas em prosa é claramente inspirado na região de minoria alemã onde a autora nasceu e cresceu e é descrito como um lugar de horrores, tanto no âmbito familiar quanto social. O povo tem um passado nazista que, na verdade, continua bem vivo e

¹ Rosvitha Friesen Blume é doutora em Literatura e professora adjunto na UFSC.

² Müller, Herta. *Depressões*. Traduzido por Ingrid Assmann de Freitas. São Paulo: Globo, 2010.



se manifesta numa ideologia etnocêntrica, no cultivo fanático da tradição e numa educação que “significa um atrofiamento consciente da auto-consciência do indivíduo” conforme analisa a germanista italiana Paola Bozzi, e cujo “objetivo é a normatização do indivíduo e a sua forçosa incorporação à massa dos sem rosto para a proteção da comunidade auto-ameaçada.”³

Na cidade em que vai estudar aos 15 anos repetem-se as experiências traumáticas da infância de Herta Müller, só que em escala bem maior. Lá ela vai se confrontar mais diretamente com a repressão da ditadura de Nikolai Ceausescu e percebe que sua pequena comunidade é apenas uma espécie de miniatura do que é o país todo, uma mentalidade totalitária dentro de outra bem maior. Lá é um lugar de dura perseguição a ela, de ameaças constantes, a partir do momento em que se recusa a colaborar com o serviço secreto do governo romeno.

O romance *Heute wäre ich mir lieber nicht begegnet*⁴, de 1997, trata retrospectivamente desse período. A protagonista encontra-se num bonde, a caminho de mais um de uma série interminável de interrogatórios torturantes conduzidos por um major abominável. Nesse caminho ela relembra, numa espécie de fluxo de consciência, e, portanto, de modo fragmentário e descontínuo, a sua vida até então, marcada por muitas perdas e sofrimentos tanto em sua infância, quanto na juventude e vida adulta na cidade, sempre perseguida por não anuir com a ideologia vigente, ou seja, por não ‘fazer parte’.

A chegada na Alemanha, que poderia ser vista como um retorno à pátria dos antepassados, como a experiência de finalmente ‘chegar em casa’, como diz a expressão alemã, também não se revela como tal. Lá ela é considerada e se sente de fato uma estrangeira, uma imigrante do Leste Europeu, uma exilada. Ela, bem como suas personagens, não estão ‘em casa’ em lugar algum; a experiência do não-pertencimento é duradoura.

O conto longo *Reisende auf einem Bein*, de 1989 e que significa “viajantes sobre uma só perna”, tematiza essa migração para a Alemanha. A protagonista Irene chegou em Berlim como imigrante e faz passeios intermináveis pela cidade. Na análise de Bozzi, a cidade é um espaço de relativa liberdade para as personagens de Müller, por lhes proporcionar certo anonimato, em contraste com o ambiente sufocante e controlado da pequena aldeia; além disso é um espaço aberto ao inesperado, à novidade.⁵ Mas, por outro lado, essa caminhada interminável também simboliza que ela nunca chegará de fato, que estará sempre nessa posição meio cambaleante, ‘sobre uma só

³ Bozzi, Paola. *Der fremde Blick*. Zum Werk Herta Müllers. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2005, p.73.

⁴ Müller, Herta. *O compromisso*. Traduzido por Lya Luft. São Paulo: Globo, 2004.

⁵ Bozzi op.cit., p.100 e 106.



perna’, que “permanece uma eterna visitante em Berlim, não sem pátria, mas recusando-se a qualquer assimilação.”⁶

Estilisticamente a autora realiza esse estado de insegurança com frases curtas e paratáticas, como que alinhando muitos fragmentos. “Observações, cenas curtas, que não querem se constituir como um todo: as percepções permanecem desconexas, trata-se de uma série de imagens momentâneas.”⁷ Segundo Bozzi o título desse conto é emblemático para a obra da autora como um todo, e pode ser visto como “sintoma de um caminhar (feminino) que ao final do século XX considera obsoletos o chão seguro e a firmeza sobre duas pernas.”⁸

2. *Deslocamento do olhar*

Depois de haver conseguido imigrar na Alemanha, ouvia sempre que o seu ‘olhar estranho’ se dava pelo fato de ser ela estrangeira naquele país, e de ser essa a razão de ela ver as coisas de modo diferente. A isso Müller responde com um ensaio intitulado *Der fremde Blick*, que significa “o olhar estranho”. A autora explica que essa estranheza não advém de uma mudança local ou de território: “Considerar o olhar estranho como conseqüência de um ambiente estranho é tão absurdo porque justamente o contrário é verdadeiro: ele vem das coisas familiares, cuja naturalidade nos foi roubada.”⁹

O ‘olhar estranho’ na verdade é bem mais antigo, explica Herta, e ela já o trouxe consigo de seu país. “Estranho para mim não é o contrário de conhecido, mas o contrário de familiar. O desconhecido não precisa ser estranho, mas o conhecido pode tornar-se estranho.”¹⁰ Para tornar claro isso, ela conta alguns dos muitos episódios de perseguição política que sofreu e que lhe roubaram a naturalidade ou a auto-evidência diante da vida.

Essa naturalidade, essa sensação de pertencimento, de ‘estar em casa’, nem Müller e nenhuma de suas personagens têm. “A obviedade diante das coisas é preciosa, pois ela nos poupa. A gente chama a isso de naturalidade. Ela só existe enquanto não se sabe que ela está lá. Eu acredito que a naturalidade é o maior descanso que temos.”¹¹

Já a pessoa que é observada e controlada constantemente, passa a fazê-lo também, ou seja, observar-se e julgar-se o tempo todo. E assim “um olhar distraído torna-se impossível.” E a tarefa é,

⁶ Bozzi op.cit., p.99.

⁷ Bozzi op.cit., p.103.

⁸ op.cit., p.112.

⁹ Müller, Herta. *Der König verneigt sich und tötet*. [ensaios] München – Wien: Karl Hanser, 2003, p.147.

¹⁰ op.cit., p.133.

¹¹ op.cit., p.147.



então, “olhar, o que ainda não significa, necessariamente, ver. Somente interpretar ao mesmo tempo o que se olhou, significa ver.”¹² Diante do terror de sentir-se perscrutada noite e dia, a pessoa precisa, segundo a autora, “perder a confiança naquilo que se vê.”¹³

Em sua obra Müller procura, portanto, escapar, obstinadamente, ao olhar comum, conhecido, familiar, natural, necessidade essa que se incorporou nela a partir das tentativas de fuga do olho do poder, do controle do estado totalitário. Na análise de Bozzi, “o olhar extremamente penetrante, dissecador e fragmentário e a metafórica poeticamente estranha” na obra da escritora “tornam-se opositor da visão pan-óptica do poder.”¹⁴

Assim o ‘olhar estranho’ da autora é um olhar resistente, numa busca desesperada por autonomia e individualidade. Para tanto ela desenvolve uma poética que ela mesma chama de “percepção inventada”, (*erfundene Wahrnehmung*), que, por sua vez, se constrói por meio de um “olhar a-partir-de-si”, (*eigensinniger Blick*), como o define o germanista Friedmar Apel.¹⁵

A expressão “percepção inventada”, que Herta Müller formula num ensaio chamado *Der Teufel sitzt im Spiegel. Wie Wahrnehmung sich erfindet*, que significa “o diabo está sentado no espelho. Como se inventa a percepção” designa conforme Bozzi, em primeiro lugar, “a arbitrariedade de toda e qualquer percepção e a complementação formal da percepção enquanto engano em relação ao mundo.”¹⁶ A autora não acredita numa literatura que possa oferecer uma visão abrangente, completa das coisas. Desse modo ela “traz constantemente à consciência o olhar em sua problemática; o visual é questionado constantemente.” Só que ao mesmo tempo ela desenvolve também “noções de uma objetividade do casual, que resulta da libertação do direcionamento social da visão.”¹⁷

Bozzi argumenta que “a linguagem de Müller é ‘minoritária’, não somente porque ela pertence a uma minoria lingüística na Romênia, mas também porque ela se opõe a toda e qualquer forma de identificação.” Ela afirma ainda que a relevância do trabalho de Müller encontra-se exatamente nessa “resistência contra a perda da percepção individual, em uma privacidade que também é política.”¹⁸

Percebe-se, pois, que esse ‘olhar estranho’ da escritora, além de evidentemente haver se formado a partir de sua circunstância de exílio territorial, também representa outro exílio, que tem a

¹² op.cit., p.138.

¹³ op.cit., p.139.

¹⁴ Bozzi op.cit., p.37.

¹⁵ Apel cit, por Bozzi, p.38.

¹⁶ op.cit., p.144.

¹⁷ op.cit., p.143.

¹⁸ op.cit., p.28.



ver com a sua posição enquanto escritora mesmo. Com base em uma análise de Kristeva sobre intelectuais dissidentes, Sandra Regina Goulart Almeida diz que “o escritor que experimenta os limites da linguagem e do discurso (...) seria caracterizado como um exilado, cuja posição já o coloca como dissidente por seu perene estranhamento com a linguagem.” Almeida conclui, pois, que “o argumento de Kristeva nos leva à associação do intelectual contemporâneo como aquele ou aquela que inevitavelmente se situa no exílio ou na diáspora e faz da linguagem sua forma política de atuação.”¹⁹

3. *Deslocamento da identidade*

No conto *Reisende auf einem Bein* (Viajantes sobre uma só perna) mencionado acima, a protagonista Irene tem uma identidade cindida, fragmentada, o que se manifesta ao longo de toda a narrativa. Ao observar, por exemplo, a fotografia de seu passaporte, vê outra Irene, que lhe é estranha de alguma maneira. Parece-lhe que se trata de outra pessoa: “E naqueles pontos que Irene considerava relevantes, os olhos, a boca, e lá, no sulco entre o nariz e a boca, havia estado uma pessoa estranha. Uma pessoa estranha havia se infiltrado no rosto de Irene. O estranho no rosto de Irene havia sido a outra Irene.”²⁰

Em outro momento ela tem um pesadelo em que aparece como duas pessoas num restaurante e essas duas Irenes não podem ser separadas uma da outra; e, para quem lê, não fica claro, qual das duas é a verdadeira Irene. “Quando Irene sentou-se à mesa, percebeu que lá estava sentada uma mulher que se parecia com ela mesma. Ela tinha os mesmos traços do rosto. Porém o rosto como um todo tinha uma expressão estranha. Era a outra Irene. Ela tinha uma voz grave.”²¹

Outro exemplo ainda mais contundente desse deslocamento da identidade é uma comparação que o personagem Franz, companheiro inicial de Irene na Alemanha, faz entre Irene e a cidade chamada Irene, do livro de Italo Calvino, *As cidades invisíveis*, que ele cita numa carta endereçada a ela:

Se a cidade fosse vista por dentro, seria outra. Irene é o nome de uma cidade distante e, se nos aproximarmos dela, ela se torna outra. Uma coisa é a cidade para aquele que passa por perto e não entra nela, outra coisa é para aquele que é tomado por ela e dela não se retira; uma coisa é a cidade na qual se chega pela primeira vez, e outra coisa é aquela que se abandona para não mais retornar; a cada uma convém outro nome; possivelmente já tenha falado sobre Irene sob nomes diferentes; talvez tenha falado somente sobre Irene.²²

¹⁹ Almeida, Sandra Regina Goulart. *Intelectuais cosmopolitas: mulheres, migrações e espaço público*. In: Walty, Ivete / Cury, Maria Zilda (orgs.). *Intelectuais e vida pública: migrações e mediações*. Belo Horizonte. Faculdade de Letras UFMG, 2008, p.49.

²⁰ Müller, Herta. *Reisende auf einem Bein*. Reinbeck: Rowohlt, 1995 [1. Ed.1989], p.18.

²¹ op.cit., p.154.

²² op.cit., p.94.



Franz tem uma dificuldade muito grande com essa identidade complexa de Irene e acaba abandonando-a. Ela, por sua vez, continuará, ‘viajante sobre uma só perna’, numa busca interminável de si mesma.

Essa figura ficcional de Herta Müller representa muito bem a visão contemporânea a respeito da identidade e da subjetividade, que não mais é vista como “um bem fixo de um indivíduo. Enquanto parte do próprio processo de interação, precisa ser reformulada em cada processo interativo em vista de novas expectativas e de uma história de vida do indivíduo em constante mudança”, conforme observa o sociólogo alemão Lothar Krappmann.²³ Bozzi afirma que “a escrita concêntrica de Herta Müller é (...) a expressão de uma subjetividade nômade, fragmentada e esquizofrênica, que está sempre em formação e sempre se redescobrimo”²⁴; e, nas palavras da teórica feminista ítalo-australiana Rosi Braidotti, esse sujeito contemporâneo é “o tipo de sujeito que abandonou qualquer idéia, desejo ou nostalgia de fixidez.”²⁵

4. Deslocamento nas Relações de Gênero

O deslocamento identitário tratado acima e que produz sujeitos nômades e fragmentários, que não se encontram ‘em casa’ em lugar algum, tem implicações claras de gênero também. A condição histórica do ‘não-pertencimento’ das mulheres – dentro da ordem patriarcal - tem sido vastamente apontado pelos movimentos e pelas teorias feministas. E nesse sentido, o fenômeno da despatriação no mundo contemporâneo com a aceleração dos movimentos migratórios, exílios e diásporas, representa apenas uma variação de uma condição já própria das mulheres. E a Irene, do romance comentado acima, representa muito bem a atualidade dessa condição, enquanto personagem feminina que vive num grande centro urbano contemporâneo no mundo ocidental.

Mas a obra de Müller também volta um pouco atrás no tempo e expõe de modo chocante a ordem patriarcal que dominava a pequena comunidade alemã e que depreciava e humilhava as mulheres, reduzindo-as a propriedade dos homens. Um exemplo é o conto *Die kleine Utopie vom Tod*, (a pequena utopia da morte), que narra a história da avó da protagonista, considerada um bem do avô, ao lado de suas terras. Ela relembra o dia de seu casamento: “Eu puxava o cortejo do casamento atrás de mim. O avô fazia grandes frases sobre canga, ares e hectares.”²⁶ Após a festa de casamento ele cai exausto na cama e adormece. Quando acorda de madrugada, a avó narradora

²³ Krappmann cit.por Bozzi, p.31.

²⁴ op.cit., p.39.

²⁵ Braidotti cit. por Bozzi, p.40.

²⁶ Müller, Herta. *Barfüssiger Februar*. [prosa] Berlin: Rotbuch, 1987, p.36.



relembra: “Ele subiu em cima de mim. Senti um terreno duro sob minha barriga. O avô disparava sobre o seu chão e me arava. Quando arfou paralisado, eu sabia: agora está espalhando a sua semente de pepino.”²⁷

Porém, a ordem patriarcal não predominava somente na comunidade alemã, mas também no socialismo romeno, cujo programa oficial previa a igualdade de direitos entre homens e mulheres. No romance *O compromisso*, tanto o chefe da protagonista na fábrica em que trabalha quanto o responsável pelos muitos e intermináveis interrogatórios do serviço secreto mais tarde são realizados por homens que a intimidam e a humilham em sua condição de mulher. Como ela se recusa a dormir com o chefe, Nelu, este a denuncia por prostituição em local de trabalho e traição à pátria, depois de ela haver colocado bilhetes em ternos fabricados ali e que seriam exportados para a Itália. O conteúdo dos bilhetes era “case comigo”, com o seu nome e endereço. Era uma tentativa desesperada de fugir de seu país e de, quem sabe, até encontrar um grande amor. Porém, a protagonista conclui, acusando-se de sua burrice: “Mas em vez de amor, acabei com Albu me convocando sempre que queria. E no trabalho Nelu me vigiava. Desisti de qualquer homem.”²⁸

Contudo, não existe na obra da autora uma posição única e definida da mulher como vítima. Ao mesmo tempo em que ela expõe de modo desconcertante as crueldades sofridas por mulheres em sua comunidade fechada e no regime totalitário, elas também são participantes e até mesmo defensoras do sistema, tanto do nazismo no passado, quanto dos ‘pequenos’ crimes do dia-a-dia que ocorrem bem depois da guerra.

Com o seu escancaramento impiedoso da participação das mulheres a autora opera uma decomposição da lógica vitimizante: a participação fundamental da mulher no patriarcado, seu papel de vítima e a moral servil em relação ao homem, bem como as estratégias de não se envolver, de esquecer ou de reprimir, são compreendidos como um estar-com-o-réu.²⁹

Esse é um “duplo lugar” na obra da autora, que opera um deslocamento constante: “Eu era vítima e réu em meu próprio rosto. Era uma monstruosidade e uma naturalidade o que me dividia.”³⁰

Conclusão

Todos esses ‘deslocamentos’ vivenciados pela autora refletem-se numa obra criativa, que esboça artisticamente a condição de hibridismo cultural em que se inserem subjetividades

²⁷ op.cit., p.38.

²⁸ Müller 2004 op.cit., p.52.

²⁹ op.cit., p.79.

³⁰ Müller cit. por Bozzi, p.79.



contemporâneas em constante movimento, dinâmicas e multifacetadas, que buscam na diferença e na estranheza oportunidades de crescimento.

No ensaio “O diabo está sentado no espelho” Herta Müller fala sobre a condição de ser uma estranha ou de não pertencer inteiramente a lugar algum. Sua declaração deixa entrever, no entanto, que ela não considera isso uma catástrofe:

Nos lugares em que me encontro, não posso ser de todo estranha. Também não estranha em todas as coisas ao mesmo tempo. Sou estranha, como outros também, em certas coisas. Não se pode pertencer a lugares. Não se pode estar ‘em casa’ na pedra, na madeira, no que quer que seja – pois não somos feitos de pedra ou de madeira. Se isso é uma desgraça, então ser estranha é uma desgraça. Senão não.³¹

E a força, a riqueza, a criatividade de sua obra provam que não é.

Bibliografia:

Almeida, Sandra Regina Goulart. Intelectuais cosmopolitas: mulheres, migrações e espaço público. In: Walty, Ivete / Cury, Maria Zilda (orgs.). *Intelectuais e vida pública: migrações e mediações*. Belo Horizonte. Faculdade de Letras UFMG, 2008, p.43-58.

Bozzi, Paola. *Der fremde Blick*. Zum Werk Herta Müllers. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2005.

Müller, Herta. *Barfüssiger Februar*. [prosa] Berlin: Rotbuch, 1987.

_____. *Reisende auf einem Bein*. Reinbeck: Rowohlt, 1995 [1. Ed.1989].

_____. *Der König verneigt sich und tötet*. [ensaios] München – Wien: Carl Hanser, 2003.

_____. *O compromisso*. Traduzido por Lya Luft. São Paulo: Globo, 2004.

³¹ Müller cit.por Bozzi, p.40.